

Equívoco paralisa a votação dos empréstimos

A emenda foi pior do que o soneto. O Governo aparentemente procurou cumprir acordo firmado na véspera, no Senado, entre o líder do PMDB naquela Casa, senador Ronan Tito (MG), o senador Jutahy Magalhães (PMDB-BA) e outros representantes, para liberar pedidos de empréstimos formulados pelo governador da Bahia, Waldir Pires, em troca da suspensão de obstrução a medidas da mesma natureza, em favor de outros Estados.

Mas, em vez de atender a novas solicitações que o governo baiano formulou, e que estariam engavetadas — segundo Jutahy — o presidente José Sarney desarquivou um pedido de empréstimo apresentado por Waldir Pires, em meados de 1987, no valor de 25 milhões de

OTNs, já aprovado pelo Senado há seis meses, mas que até hoje não teve esse montante liberado pelo Executivo.

A mensagem desse “novo” pedido repete, letra por letra, palavra por palavra, o conteúdo do documento anterior, com apenas duas inovações: a data da entrega da proposta ao Senado e os nomes dos ministros que a subscrevem, Maílson da Nóbrega (Fazenda) e Ronaldo Costa Couto (Gabinete Civil).

Protesto

Ao inteirar-se do procedimento governamental, Jutahy foi à tribuna do Senado e protestou contra o expediente protelatório, usado em relação aos pedidos novos formulados por Pires. Imediatamente, o líder do PMDB, Ronan Tito, que havia avalizado o acordo contra a obs-

trução dos demais empréstimos da União, na véspera, secundou os protestos de Jutahy, pedindo, ao final, que a bancada peemedebista se retirasse do plenário para não dar **quorum** à votação da escolha do empresário Joaquim Roriz, para governador de Brasília.

Ronan havia obtido o compromisso pessoal do próprio presidente Sarney, na véspera, de liberação dos novos pedidos feitos pelo governador da Bahia, conforme noticiou o JBr, com exclusividade. Apesar disso, porém, o líder do Governo no Senado Saldanha Derzi (PMDB-MS), havia declarado que a remessa da mensagem em favor da concessão de novos empréstimos, ainda que fosse aprovada, não implicaria na liberação de recursos para a Bahia. “Se isso acontecer — pro-

testou, à beira do plenário, no dia anterior, o líder Ronan Tito — nós vamos virar a mesa, no Senado”.

Em face do incidente, inédito nos anais do Senado, os líderes Ronan Tito, Saldanha Derzi e Marcondes Gadelha (PFL-PB), depois de muita discussão, resolveram tirar a questão a limpo, no Palácio do Planalto, dirigindo-se ao encontro de Sarney. No caminho, o assessor especial do ministro do Gabinete Civil, Henrique Hargreaves, explicou o erro do Governo: “Quem trabalha, erra. Só quem não faz nada não erra”.

Hargreaves anunciou a retirada da mensagem repetitiva, alegando que o problema seria resolvido pelo presidente da República, de acordo com o compromisso assumido pelo senador Ronan Tito, com

as demais lideranças.

“Nós até louvamos o acordo feito ontem, pois desse modo desfaríamos as suspeitas de discriminações do Governo, contra Estados”, comentou, no plenário, o senador Mansueto de Lavor (PMDB-PE). E acrescentou: “Louvamos, mas, pessoalmente, manifestei desconfianças em relação ao assunto, pois o acordo, tal como firmado, pressunha duas condições: a existência de um Governo sério e de um Governo que trata seriamente o Senado. Acontece que tais premissas não são verdadeiras, pois o Governo não é sério. Enfim, vamos esperar para ver se a palavra do Governo vale alguma coisa. Será que este Governo ainda governa?” O senador Carlos Alberto, líder do PTB, ficou constrangido.